



ESTRATÉGIAS E PROCEDIMENTOS PARA ELABORAÇÃO DE PROJETOS DE TESE/DISSERTAÇÃO

Paulo Afonso Rheingantz

[versão revista e ampliada em 2016]

Objetivo:

Sistematizar procedimentos para elaboração e formatação de projetos de tese de doutorado¹ e de dissertação de mestrado², para o Curso de Mestrado em Arquitetura do PROARQ/FAU/UFRJ.

Formato do Projeto de Tese/Dissertação:

O documento deverá obedecer às normas e disposições vigentes na UFRJ, bem como às normas da ABNT, a saber:

1. RUSSO, Mariza et al.. Manual para Elaboração e Normalização de Dissertações e Teses. Rio de Janeiro: SIBI/UFRJ, 1997.
2. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023 – Informação e documentação – Referências Bibliográficas – Elaboração. Rio de Janeiro: ABNT, 2004.
3. _____. NBR 6024 – Informação e documentação – Numeração progressiva das seções de um documento escrito – Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2004.
4. _____. NBR 6027 – Informação e documentação – Sumário – Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2003.
5. _____. NBR 10.520 – Informação e documentação – Citações em documentos - Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.
6. _____. NBR 14.724 – Informação e documentação - Trabalhos acadêmicos - Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2005.

Estrutura do Trabalho:

O trabalho, devidamente formatado, deverá seguir o seguinte roteiro:

1. **Título** — designação clara e precisa do objeto de estudo; devem ser evitados títulos muito genéricos e pouco explícitos; deve conter as principais questões explicitadas no Problema. Segundo Vera FEITOSA,

por ser tão importante, não se pode perder nem uma palavra com informações supérfluas ou óbvias tais como:

Um estudo experimental realizado em ...

Uma pesquisa sobre ...

Um relatório elaborado para ...

Uma investigação sobre os prováveis efeitos de ...

Deve-se buscar precisão nos títulos: ir direto ao ponto é tão difícil quanto proveitoso.

Um título vago como:

¹ Cf. NBR 14.724/2005, "Documento que representa o resultado de um trabalho experimental ou exposição de um estudo científico de tema único e bem delimitado. Deve ser elaborado com base em investigação original, constituindo-se em real

² Cf. NBR 14.724/2005, "Documento que representa o resultado de um trabalho experimental ou exposição de um estudo científico retrospectivo, de tema único e bem delimitado em sua extensão, com o objetivo de reunir, analisar e interpretar informações. Deve evidenciar o conhecimento de literatura existente sobre o assunto e a capacidade de sistematização do candidato. É feito sob a orientação de um orientador (doutor), visando a obtenção do título de mestre."

Um método para obter óleos lubrificantes

pode ter maior impacto expressivo se explicitar melhor a informação

A obtenção de lubrificantes através de X.

Algumas vezes é aconselhável fazer um título bi-partido, para torná-lo mais forte, mais incisivo. Assim, em vez de:

Algumas soluções para o problema da corrosão e algumas soluções
ficaria melhor:

Corrosão em tanques de petróleo: o problema e algumas soluções. (FEITOSA 1991: 73),

Exemplos:

- OS EDIFÍCIOS “INTELIGENTES” E O OLHAR COMPARTILHADO: ANÁLISE HIERÁRQUICA DO DESEMPENHO DE EDIFÍCIOS DE ESCRITÓRIOS
- O INDIVÍDUO NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO GLOBALIZADA: ESTUDO SOBRE A TRANSIÇÃO DO EMPREGO À EMPREGABILIDADE COM FOCO NA PRIVATIZAÇÃO DA TELEBRÁS.
- DESENHO URBANO E REVITALIZAÇÃO NA ÁREA PORTUÁRIA DO RIO DE JANEIRO.
- RECOMENDAÇÕES PARA A REDUÇÃO DO CONSUMO DE ENERGIA ELÉTRICA DO PRÉDIO SEDE DO BNDES
- CENTRO EMPRESARIAL INTERNACIONAL RIO: ANÁLISE PÓS-OCUPAÇÃO, POR OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE, DAS CONDIÇÕES INTERNAS DE CONFORTO

2. **Objetivos** (PARA QUÊ?, PARA QUEM?) — o que se pretende alcançar, em linhas gerais e abrangentes, com a pesquisa/projeto: propósitos; ênfase em resultados ou produtos; cada objetivo deve ser traduzido por um verbo no infinitivo. O Anexo 01 apresenta uma relação dos verbos mais utilizados.

Exemplos

- *APLICAR* o conceito de *sociedade sustentável* na avaliação de desempenho do ambiente construído.
- *CARACTERIZAR* conforto (bem-estar) como interação *homem X ambiente*.
- *CONHECER* o estado da arte da arquitetura de locais para o trabalho de escritório.
- *CRITICAR* o uso da designação “Edifícios Inteligentes” para caracterizar os edifícios de escritórios produzidos no Rio de Janeiro a partir da década de 80.
- *IDENTIFICAR* os sistemas que tornam “inteligente” um edifício de serviços.
- *AVALIAR* os efeitos que os sistemas “inteligentes” operam nos edifícios.
- *ANALISAR* a influência dos sistemas “inteligentes” na concepção dos edifícios de serviços.
- *UTILIZAR* a percepção como “instrumento” de avaliação do ambiente construído.
- *INCORPORAR* a categoria *fatores de interação* na metodologia da APO.
- *APLICAR* a Lógica *Fuzzy* na avaliação de desempenho do ambiente construído.
- *ESTABELECE* diretrizes projetuais para a produção de edifícios “inteligentes”.

3. **Apresentação:** desenvolver o **assunto** (área ou abrangência do conhecimento), o **tema** (delimitação do assunto: enfoque, ângulo, abordagem mais restrita, mais concreta, menos genérica e abrangente, antecedentes do problema) e o **problema** (O QUE?) — formulação clara e precisa da questão/dificuldade/necessidade sentida a ser elucidada; questão a ser respondida; princípio organizador da pesquisa; identificação clara e precisa da questão a ser elucidada, definindo o enfoque do assunto/tema proposto ¾ em que o projeto de pesquisa se insere, relacionando-o com: (a) tendências atuais, (b) pontos de debate, (c) preocupação social, (d) importância para a arquitetura, etc.).

Exemplos de Assunto:

- CONFORTO AMBIENTAL E MORADIA POPULAR
- AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO DE EDIFÍCIOS E SISTEMAS PREDIAIS
- EDUCAÇÃO SUPERIOR

Exemplos de Tema:

- AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO DOS CONJUNTOS DE MORADIA POPULAR CONSTRUÍDOS NAS DÉCADAS DE 80 E 90 NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, COM ÊNFASE NO CONFORTO AMBIENTAL.
- AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO DO PROJETO E DA GESTÃO DOS EDIFÍCIOS DE ESCRITÓRIOS DE ALTA TECNOLOGIA EM OPERAÇÃO NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO.
- ENSINO DE PROJETO NA ARQUITETURA: AS INFORMAÇÕES TRANSMITIDAS NAS AULAS DA DISCIPLINA PROJETO DE ARQUITETURA.

Exemplos de Problema:

- QUE RELAÇÃO EXISTENTE ENTRE GRAU DE PRIVACIDADE, GRAU DE BEM ESTAR (CONFORTO) E DENSIDADE HABITACIONAL – CONSIDERANDO-SE AS DISTÂNCIAS, A GEOMETRIA DOS ESPAÇOS INTERIORES E EXTERIORES, OS HÁBITOS DOS USUÁRIOS, A DENSIDADE, A TIPOLOGIA E O NÚMERO DE HABITAÇÕES – NOS CONJUNTOS HABITACIONAIS DESTINADOS ÀS FAMÍLIAS DE BAIXA RENDA DA PERIFERIA CONSTRUÍDOS NA DÉCADA DE 80 NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO?
- QUAIS SISTEMAS TORNAM “INTELIGENTE” UM EDIFÍCIO, QUE EFEITOS ESTES SISTEMAS PRODUZEM NOS AMBIENTES E NAS PESSOAS, E QUE IMPLICAÇÕES SUA TECNOLOGIA TRAZ PARA A CONCEPÇÃO E PARA A GESTÃO DOS EDIFÍCIOS DE ESCRITÓRIOS CONSTRUÍDOS A PARTIR DA DÉCADA DE 80 NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO?
- EM QUE MEDIDA AS INFORMAÇÕES TRANSMITIDAS NAS AULAS PELOS PROFESSORES DA DISCIPLINA PROJETO DE ARQUITETURA PODEM INFLUENCIAR NO PROPALADO BAIXO NÍVEL DE ENSINO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA BRASILEIRAS?

este terceiro problema proposto poderia ter uma outra redação,

- QUE RELAÇÕES EXISTEM ENTRE O CORPO DE INFORMAÇÕES TRANSMITIDAS PELOS PROFESSORES DA DISCIPLINA PROJETO DE ARQUITETURA E O CONHECIDO BAIXO NÍVEL DE ENSINO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA BRASILEIRAS?

ou ainda,

- SERIAM AS INFORMAÇÕES TRANSMITIDAS PELOS PROFESSORES DA DISCIPLINA PROJETO DE ARQUITETURA AS ÚNICAS RESPONSÁVEIS PELO BAIXO NÍVEL DE ENSINO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA BRASILEIRAS? HÁ OUTROS FATORES TAMBÉM RESPONSÁVEIS? QUAIS SÃO E COMO SE MOSTRAM RESPONSÁVEIS?

4. **Justificativa** (POR QUÊ?) – motivos de ordem teórica/prática que justificam a pesquisa; análise da situação que a pesquisa pretende modificar; demonstração de como modificará a situação analisada. Na justificativa devem ser explicitados os pressupostos conceituais (proposições aceitas sem contestação) do trabalho.
5. **Aplicabilidade** – considera a relevância do assunto, do tema e do trabalho, bem como as aptidões e tendências pessoais do autor. LUCKESI et al (1996: 166) alertam para a “necessidade da ligação com a realidade e com o mundo, que teriam por obrigação comunicar”. Os autores também alertam para o risco de o processo de comunicação escrita que, de um lado, [...] pode assumir uma dimensão mágica, tornando-se valor em si quando somente tem o valor instrumental; de outro ele pode estar propositalmente desligado da realidade, e estar sendo utilizado para mentir, ludibriar, alienar e, deste modo, intensificar a manipulação e conseqüente dominação de umas pessoas sobre as outras. (LUCKESI et al 1996: 176)

6. **Sumário** — enumeração das principais divisões (capítulo, seções, artigos, etc.) de um documento, na mesma ordem em que a matéria nele se sucede, com o objetivo de facilitar visão do conjunto da obra e a localização de suas partes; em dissertação/tese, deve seguir a norma NBR 6027/2003.

7. Elementos Textuais:

7.1 **Introdução** – deve informar “ao leitor algo como: você vai gostar de ler o meu texto, porque nele trato de X e de Y, e vou lhe trazer informações novas do seu maior interesse.”(FEITOSA 1995: 62); embora não seja usual, a introdução também pode dizer ao leitor “leia esse trabalho porque cheguei a tal conclusão a respeito de X e tenho tal sugestão a lhe fazer”(FEITOSA 1995: 63); deve “deixar claro ‘o que’ se pretende, ‘por que’ e ‘para que’ se vai dizer ou refletir e o ‘como’ se pretende refletir.”(LUCKESI et al 1996: 171); “tem a função de levar o leitor a ler o texto pelo interesse das informações nele contidas” (FEITOSA 1995: 62). “Costuma-se dizer que uma *introdução* deve começar por uma definição sucinta do objetivo do trabalho e pela exposição dos motivos que determinam sua execução. Tradicionalmente, na introdução também se incluem os antecedentes mais relevantes para aquela investigação, se apresentam concisamente seus aspectos mais significativos, e, a seguir, se expõe o roteiro que orientou o trabalho” (FEITOSA 1995: 62). Alguns programas, ainda alinhados ao paradigma positivista do modelo único fundado na "neutralidade" do pesquisador, na "objetividade" dos resultados e no método dedutivo exigem a inclusão de uma hipótese nas propostas de pesquisa de tese de doutorado. Mas com a crescente proliferação de pesquisas qualitativas – tais como pesquisa etnográfica, pesquisa-ação, pesquisa participante, análise documental, pesquisa histórico-documental, fenomenologia, complexidade e sociotécnica – as pesquisas indutivas e a pluralidade de interpretação da "realidade", "não há necessidade de partir de hipóteses delineadas e fazer deduções" (IVENICKI; CANEN 2015: 11). A norma NBR 14.724/2005 nem sequer menciona a hipótese, o que é indicativo de sua não obrigatoriedade.

7.2 **Revisão Bibliográfica** – tem como principais objetivos (a) familiarizar o leitor com os trabalhos existentes relativos ao que tem sido feito, por *quem*, *quando* e *onde*, com que *técnicas* e *instrumentos*; (b) deixar clara a necessidade de realização do estudo e a possibilidade de obtenção de resultados expressivos, relevantes e significativos; e (c) fornecer, a partir de uma delimitação de várias posições teóricas, uma moldura conceitual que explicita sua fundamentação (BASTOS et al 1982: 4-5). Deve abranger toda a bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico, etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais [...], e tem a finalidade de colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto (LAKATOS & MARCONI 1995: 183). Não é uma mera repetição do que foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras, e tem por objetivo permitir ao cientista “o reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulação de suas informações” (TRUJILLO 1974 in LAKATOS & MARCONI 1995: 183). Autores como LUCKESI et al (1996) reforçam o entendimento de “leitura como leitura de mundo” e não apenas “como leitura de palavras, como na maior parte das vezes ela tem sido praticada.” (LUCKESI et al 1996: 119).

7.3 Fundamentos Teóricos – Segundo Beaud (1996),

1. O conhecimento é um processo iterativo entre o real (que se estuda) e a representação desse real ‘na mente’ (pensamento concreto, construção teórica, recomposição ideal do concreto percebido ou vivido).
2. Portanto, nunca há ‘conhecimento absoluto’; há apenas progressão da adequação da representação ‘na mente’ ao real, de sua capacidade de prestar conta do real.
3. A qualidade de uma teoria não pode ser julgada apenas por sua coerência interna, mas pela relação com sua capacidade de prestar conta do real.
4. O trabalho sobre o real implica sempre uma posição inicial teórica científica (mesmo que seja elementar, fragmentária e não explicitada).
5. O trabalho sobre o real só pode ser feito por meio da utilização de instrumentos conceituais, teóricos, científicos.

6. A utilização desses instrumentos conceituais, teóricos, científicos, no trabalho do conhecimento e na análise do real, obriga o aprimoramento da elaboração dos próprios instrumentos.

7. Isso significa que, do meu ponto de vista, não há lugar, no trabalho de conhecimento: nem para 'o trabalho teórico puro' (podado de toda referência a um objeto ou a uma realidade da qual se trata de prestar conta), nem para o 'empirismo descritivo puro' (não levando em consideração o esforço indispensável de elaboração teórica e de conceitualização. O conhecimento é o movimento por meio do qual são utilizados 'instrumentos ideais' (teóricos, conceituais, científicos) para ler, interpretar, analisar uma realidade; e, nesse trabalho, aperfeiçoar os 'instrumentos ideais' existentes.

O que acaba de ser dito não implica nenhuma preferência quanto à natureza dos temas: os assuntos ditos 'teóricos' (sobre o pensamento de um autor ou algum debate científico ou teoria) podem ser escolhidos tanto quanto os ditos 'empíricos' (sobre um problema constitucional, uma questão social ou econômica ...

O que é preciso, em cada caso, é escolher o procedimento científico que permita tratar o assunto. E não se trata um assunto dito 'teórico', limitando-se a ler e a citar alguns livros; da mesma maneira que não se trata um assunto dito 'empírico', limitando-se a reunir informações factuais. Nos dois casos, é preciso construir a problemática e utilizar procedimento de análise adequado (BEAUD 1996: 63).

7.4 Materiais e Métodos – descrição e justificação, se possível em ordem seqüencial, dos procedimentos metodológicos aplicados nas diversas etapas da investigação; “parte experimental, em que são descritos *materiais, métodos e procedimentos* utilizados.” (FEITOSA 1995: 61); segundo BASTOS et al (1982: 6), explicitação das variáveis (quando for o caso), descrição da população e da amostra (quando for o caso), tratamento experimental (aplicável apenas a pesquisas experimentais), instrumentação (indicação e descrição de testes, medidas, observações, escalas e questionários a serem utilizados), coleta de dados (como, quando, onde e por quem serão aplicados os instrumentos), tratamento estatístico (quando for o caso) e, finalmente, o reconhecimento das limitações (deficiências). Explicitação dos procedimentos específicos utilizados, ensaios, análises, inferências, formulações teóricas, registros, etc., identificando pelo menos:

7.4.1 Campo de observação (ONDE? COMO?) — descrever a população/local/ambiente a observar e suas características; se for o caso, justificar amostra, apresentando o modo como a amostra será selecionada e suas características; local; unidades de observação relevantes; quais as variáveis que serão controladas, como serão controladas, qual o plano de experimento que será utilizado;

7.4.2 Instrumento de pesquisa (COM QUÊ?) — descrição do instrumento de pesquisa que vai ser utilizado, que informações se pretende obter com eles e como o instrumento será utilizado ou aplicado para obter estas informações;

7.4.3 Técnicas estatísticas (QUANTO?) — necessária apenas quando utilizados dados e tratamento estatístico; quais as hipóteses estatísticas enunciadas, como os dados obtidos serão codificados, que tabelas serão feitas e como serão feitas, que provas estatísticas serão utilizadas para verificar as hipóteses, em que nível de significância, previsão sobre interpretação dos dados.

Nas últimas duas décadas começa a tomar corpo um pensamento mais abrangente que explora métodos de pesquisa menos estruturados, ou até mesmo não estruturados. O campo de investigação denominado Estudos CTS (Ciência-Tecnologia-Sociedade), por exemplo, caracteriza o conhecimento científico e tecnológico "como uma construção em permanente transgressão a fronteiras arbitrárias entre o 'técnico' e o 'social' (CUKIERMAN 2007: orelha da contra-cap), têm incentivado e produzido pesquisas não estruturadas cujos fundamentos e métodos vão sendo construídos durante o processo de pesquisa. Seus adeptos, entre os quais destaco Bruno Latour, John Law e Annemarie Mol, propõem que uma vez encontrado um tema ou "objeto" de pesquisa, deve-se literalmente mergulhar nele, incorporar-se a ele e, na medida em que vai cartografando os atores implicados, seus movimentos e associações, se produz os argumentos e procedimentos de pesquisa. Nesta

perspectiva, a pesquisa é uma questão em aberto cujos fundamentos, métodos e resultados não são conhecidos ou estabelecidos a priori. Mas esta ainda é vista com muita desconfiança ou descrença.

- 8 **Resultados ou descobertas** - visa oferecer evidências que esclareçam cada questão levantada na proposição do problema (BASTOS et al (1982: 7). Os autores recomendam a separação entre informações de natureza *fatual (resultados)* das de *interpretação, inferência e avaliação (interpretação dos resultados)*, mas observam que em alguns estudos *históricos, de caso e antropológicos*, para manter o interesse do leitor, é necessário inter-relacionar o material *fatual* e o *interpretativo*, deve haver uma clara distinção entre o que é *fato* e o que é *interpretação*.
- 9 **Discussão dos resultados ou descobertas** – Este capítulo se justifica nos estudos em que seja conveniente separar a *discussão dos resultados (interpretação, inferência e avaliação)* dos resultados (*informações de natureza fatual*), em função de sua complexidade, ou da necessidade de um grande número de dados. De modo geral, a *discussão dos resultados* é incorporada ao capítulo *resultados*.
- 10 **Conclusões / Considerações finais** – “fecho natural de um processo que teve determinado desenvolvimento [...] pode – e deve – servir para abrir novos horizontes, para apontar caminhos, para despertar novas questões ou dúvidas, enfim, para inserir o trabalho no fluxo da busca científica que o transcende” (FEITOSA 1995: 63). Em geral, as conclusões devem retomar o raciocínio e a linguagem utilizados na *introdução*, só que em lugar de “você vai gostar do meu texto ...”, o texto a mesma seqüência: cheguei a tal (ou a tais) conclusão (conclusões) a respeito de X e de Y.
- 11 **Desdobramentos e/ou Recomendações** – diretamente relacionadas com as *conclusões*, e em geral incorporado a elas, o texto deve focalizar os desdobramentos possíveis e recomendações produzidos a partir das conclusões/considerações finais, como por exemplo: com base nas conclusões/considerações finais X e Y, recomendo, observo que ..., ou proponho tais desdobramentos ...
- 12 **Cronograma (QUANDO?)** – específico para projetos de pesquisa, de dissertação ou de tese, geralmente em formato quadro ou gráfico de barras, informando a distribuição, no tempo, de todas as fases e tarefas previstas na pesquisa/projeto; em geral as linhas contém as atividades numeradas em ordem sequencial e as colunas, a unidade de tempo (mês ou semana).
- 13 **Referências** — indicação, em ordem alfabética (pelo sobrenome do autor) da bibliografia de referência a ser pesquisada, obedecendo às normas da NBR-6023 (Anexo 02).

14 **Formatação do Projeto de Tese/Dissertação:**

O Projeto de Tese/Dissertação deverá obedecer às seguintes recomendações:

- a) *Texto* – em português, impresso em papel branco, formato A4, usando processador de texto MS Word 2003 ou superior, preferencialmente utilizar uma das fontes padrão do editor (Calibri, Arial, Times), tamanho 11 ou 12 e espaçamento entre linhas 1,5.
- b) *Margens* – esquerda de 3 cm, margens direita, superior e inferior de 2,5 cm.
- c) *Parágrafos* – justificados e sem recuo, deixando-se espaço interlinear adicional para marcar cada novo parágrafo.
- d) *Títulos Principais* – em caixa alta, em negrito, alinhados à esquerda, com espaço interlinear superior duplo e inferior simples e fonte um ponto maior do que a do corpo do texto.
- e) *Subtítulos* – apenas a primeira letra de cada palavra deve ser em caixa baixa, em negrito, alinhados à esquerda, com espaço interlinear superior e inferior simples e fonte igual à do corpo do texto.
- f) *Notações Matemáticas e Unidades* – fórmulas e símbolos matemáticos devem ser inseridos de forma clara no texto, com espaço interlinear simples acima e abaixo; fórmulas devem ser referenciadas em ordem seqüencial, número colocado entre parêntesis alinhado pela margem direita; o sistema de unidades é o Sistema de Unidades Internacional.
- g) *Ilustrações* – figuras, fotografias ou desenhos identificadas(os) em ordem numérica e sequencial em sua parte superior independente de numeração de capítulo, pela palavra *Figura* seguida de

algarismo arábico, um ponto, o título ou legenda e, quando for o caso, na parte inferior, a fonte (autor, ano seguido de dois pontos e número de página).

- h) *Tabelas e Quadros* – identificados em sua parte superior (topo), em ordem seqüencial independente de numeração de capítulo, através da palavra *Tabela* – contendo somente dados numéricos – ou *Quadro* – contendo dados numéricos e palavras – seguida de algarismo arábico, um ponto, a legenda e, quando for o caso, a fonte (autor, ano seguido de dois pontos e número de página).
- i) *Citações* – em textos transcritos *ipsis literis* com até 3 linhas, o texto deve ser incorporado ao parágrafo, entre aspas duplas, a seguir, entre parêntesis, devem ser indicados em caixa alta o sobrenome do primeiro autor e o ano de publicação, seguidos de dois pontos e do(s) número(s) da(s) página(s); em textos transcritos *ipsis literis* com mais de 3 linhas, o texto deverá ficar em bloco, abaixo do texto, com recuo de quatro centímetros letras dos limites do parágrafo normal, em espaço simples, sem aspas, com fonte um ponto menor do que a do texto normal, e espaço simples entre linhas, seguida da indicação do autor, ano e página.
- j) *Referências* — apresentadas no final do texto, as referências devem vir em ordem alfabética pelo sobrenome do primeiro autor e em conformidade com a norma NBR 6023 da ABNT.
- k) *Notas de Rodapé* — destinadas a esclarecer, comprovar ou justificar uma informação que, se incluída no corpo do texto, possa vir a prejudicá-lo; as remissões às notas de rodapé são numeradas em algarismos arábicos consecutivos ao longo de todo o trabalho, sobrescritos; as notas de rodapé são colocadas ao final da página ou ao final de cada capítulo; o texto da nota de rodapé deve utilizar fonte reduzida em um ponto em relação ao corpo do texto, precedido de seu número correspondente sobrescrito.

Nas áreas das ciências humanas e sociais e aplicadas as teses e dissertações têm sido estruturadas com maior liberdade, não fragmentando seu conteúdo em partes estanques, mas seguindo a estrutura de um texto que corresponde ao processo de construção do conhecimento. Mas esta também é, infelizmente, uma questão ainda polêmica nos programas de pós-graduação e periódicos da área de arquitetura e urbanismo. Arquitetura e urbanismo não se restringe a um conjunto de conhecimentos técnicos. Ela também acolhe e demanda questões de natureza artística, cultural, geográfica, social e política, que nem sempre tem sido consideradas.

15 Princípios Básicos da Redação Técnico-Científica:

Segundo BASTOS et al (1982), os princípios básicos que devem ser observados na redação científica podem ser resumidos em clareza, precisão, objetividade e consistência:

- a) *Clareza* – os autores recomendam que deve ser evitada a ambigüidade e a falta de ordem na apresentação de idéias; “uma redação é clara quando não deixa margem a interpretações diversas da que o autor deseja comunicar.” (BASTOS et al 1982: 10). Neste sentido, convém não esquecer a observação de VERÍSSIMO (1982: 10) “escrever bem é escrever claro, não necessariamente certo. Por exemplo: dizer ‘escrever claro’ não é certo mas é claro, certo? O importante é comunicar. (E quando possível surpreender, divertir, comover ... Mas aí entramos na área do talento, que também não tem nada a ver com Gramática.)”.
- b) *Precisão* – é uma das características da clareza textual; “um autor é claro quando usa linguagem *precisa*, isto é, quando atenta para que cada palavra empregada traduza, exatamente, o pensamento que deseja” (BASTOS et al 1982: 10-11) comunicar. Em lugar de “alguns”, “vários”, “diversos”, “muitos”, “nem todos”, “cerca de XX%”, “metade de YY”.
- c) *Objetividade* – segundo os adeptos da ciência “tradicional”, ainda alinhada com o paradigma positivista e quantitativo e na produção de dados predominantemente descritivos, a objetividade é “essencial na linguagem científica, onde os assuntos devem ser tratados de maneira direta e simples, com lógica e continuidade no desenvolvimento das idéias.” (BASTOS et al 1982: 11); evitar adjetivações desnecessárias; a pontuação deve ser usada criteriosamente – “pontuação em excesso cansa o leitor e, quando deficiente, não oferece clareza” (BASTOS et al 1982: 11). Mas à medida que

se consolidam outros paradigmas mais qualitativos a pluralidade e subjetividade indicam a necessidade de enfatizar a interpretação, as motivações, visão de mundo, cultura, valores, ideologia, crenças e sentimentos do(a) pesquisador. O dilema objetividade-subjetividade deve ser devidamente ponderado e as escolhas devem sempre ser devidamente explicadas na introdução.

- d) *Consistência* – “o princípio da consistência é importante elemento no estilo e pode ser considerado dentro de três diferentes dimensões” (BASTOS et al 1982: 11):
- (1) consistência de expressão gramatical – observar regras de: precisão de terminologia, pontuação criteriosa, uso parcimonioso de sinônimos, clareza na referências (evitar ambigüidade).
 - (2) consistência de categoria – equilíbrio nas principais seções de um capítulo ou nas subseções de uma seção, representado pela uniformidade das categorias de abordagem e por uma certa homogeneidade no tamanho dos capítulos, das seções de um mesmo capítulo, e das subseções de uma mesma seção.
 - (3) consistência de sequência – evidência de unidade lógica na ordenação dos capítulos, seções, subseções e demais elementos.

16 Recomendações Gerais Para a Redação: (adaptado de BASTOS et al 1982)

- a) *Autoria* – muitos autores(as), ainda alinhados(as) com o paradigma positivista, que acreditam (1) na "neutralidade" do pesquisador, (2) que a pesquisa científica deve ser dedutiva, (3) que separar o pesquisador do "objeto" da pesquisa, recomenda o uso da terceira pessoa do singular e da voz passiva na linguagem científica, que deve ser o *mais possível despersonalizada* (BASTOS et al 1982), *objetiva e impessoal* (CERVO & BERVIAN 1978). Umberto Eco é incisivo:

Eu ou nós? Deve-se, na tese, introduzir as opiniões próprias na primeira pessoa? Deve-se dizer ‘penso que ...’? Alguns acham isso mais honesto do que apelas para o *noi majestatis*. Não concordo. Dizemos ‘nós’ por presumir que o que afirmamos possa ser compartilhado pelos leitores. Escrever é um ato social: escrevo para que o leitor aceite aquilo que lhe proponho. Quando muito, deve-se procurar evitar o pronome pessoal recorrendo a expressões mais impessoais, como ‘cabe, pois, concluir que’, ‘parece acertado que’, ‘dever-se-ia dizer’, ‘é lícito supor’, ‘conclui-se daí que’, ‘ao exame desse texto percebe-se que’, etc. Não é necessário dizer ‘o artigo que citei anteriormente’, ou ‘o artigo que citamos anteriormente’, basta dizer ‘o artigo anteriormente citado *nos* demonstra que’, pois expressões assim não implicam nenhuma personalização do discurso científico. (ECO 1985: 120);

Em contrapartida, Vera Feitosa considera que

a impersonalização do texto, além de criar ambigüidades, exige do autor o manejo de uma variante lingüística que não faz parte do seu cotidiano, levando-o, no mais das vezes, ao uso abusivo do de certas estruturas, como a passiva analítica, que não só tornam o texto mais pesado e de mais difícil entendimento como também parecem isentar o autor da responsabilidade pelo que expõe. (FEITOSA 1995: 51-52)

Para aqueles que se alinham com outros paradigmas e com uma ciência mais qualitativa, incerta e complexa, que assumem uma postura mais indutiva, que; (1) rejeitam a "neutralidade" a inseparabilidade caráter autobiográfico e auto-referenciável da ciência pós-moderna; (2) se transforma em uma configuração de estilos construída segundo o critério e a imaginação pessoal do cientista, e onde a incerteza do conhecimento transforma-se na chave do entendimento de um mundo que mais do que controlado tem de ser contemplado (SANTOS 1995); (3) acreditam na aproximação entre *ciência* e *senso comum*³, nada mais natural do que utilizar o *eu* – quando se tratar de um pensamento, crença ou descoberta própria –, o *ele(s)* – quando se tratar de um

³ Ruben ALVES (1991), por exemplo, considera que “o senso comum e ciência são expressões da mesma necessidade básica, a necessidade de compreender o mundo, a fim de viver melhor e sobreviver. E para aqueles que teriam a tendência de achar que o senso comum é inferior à ciência, eu só gostaria de lembrar que, por dezenas de milhares de anos, os homens sobreviveram sem coisa alguma que se assemelhasse à nossa ciência. A ciência, curiosamente, depois de cerca de 4 séculos, desde que ela surgiu com seus fundadores, está colocando sérias ameaças à nossa sobrevivência”.

pensamento, crença ou descoberta de outro(s) – e *nós* – quando se tratar de um pensamento, crença ou descoberta de um grupo que inclua o(a) autor(a).

Vale lembrar que “a linguagem⁴, qualquer linguagem, é um meio de comunicação e que deve ser julgada exclusivamente como tal” (VERÍSSIMO 1983: 11) e que o trabalho científico nada mais é do que uma linguagem de expressão de descobertas de cunho científico. Segundo Humberto Maturana (2001: 138)

o critério de validação das explicações científicas é definido e constituído apenas em termos das coerências operacionais do domínio das experiências dos observadores-padrão, ele não envolve nenhuma suposição sobre a realidade independente. Consequentemente, um observador-padrão pode usar explicações científicas apenas para explicar suas experiências reformulando-as com outras experiências, na aplicação das coerências operacionais que estas envolvem na satisfação do critério de validação das explicações científicas, e não usá-las para revelar ou conotar algo supostamente independente do que ele ou ela faz.

Mais adiante, observa que "as explicações científicas são válidas apenas na comunidade dos observadores que aceitam o critério de validação das explicações científicas como sendo o critério de validação de suas explicações" (MATURANA 2001: 144).

Annemarie Mol vai ainda mais longe ao explicar o significado do termo *comporto Política Ontológica*:

Refere-se a *ontologia* – que na linguagem filosófica comum define o que pertence ao real, as condições de possibilidade com que vivemos. A combinação dos termos "ontologia" e "política" sugere-nos que as condições de possibilidade não são dadas à partida. Que a realidade não precede as práticas banais nas quais interagimos com ela; ao contrário, ela é modelada por essas práticas. O termo *política*, portanto, permite sublinhar este modo ativo, este processo de modelação, bem como seu caráter aberto e contestado (MOL 2008: 63).

- b) *Tempo do verbo* – (1) projeto de pesquisa, de dissertação ou de tese – deve sempre ser redigido no futuro, pois refere-se a intenções; (2) relatório final, dissertação ou tese – redigido no passado, pois refere-se a fatos já consumados, admitindo-se o presente. No caso do autor optar por um texto mais leve e fácil, as duas recomendações acima podem (e devem) ser desconsideradas ou transgredidas. Gosto de utilizar o presente, por considerar a questão da flecha do tempo – que separa passado, presente e futuro – problemática, como sugerem Ilya Prigogine e Isabelle Stengers (1992).
- c) *Expressões taxativas* – considerando que os resultados de uma pesquisa são de caráter probabilístico ou de imprevisibilidade, de espontaneidade ou de auto-organização (PRIGOGINE & STENGERS 1992), em lugar de “o resultado comprovou ...” é mais apropriado afirmar que “o resultado apresentou evidência de que ...”.
- d) *Uso de sinônimos* – embora a variedade de termos seja louvável, pois evita repetições e embeleza o texto, deve ser cuidadosamente empregada, uma vez que pode gerar no leitor dúvidas ou falta de clareza sobre a intenção do autor.
- e) *Períodos* – períodos curtos são de compreensão mais fácil que os longos – com mais de 3 linhas; deve ser buscado o equilíbrio entre o estilo telegráfico e o circunlóquio, entre a pobreza de expressão e a excessiva qualificação.
- f) *Parágrafos* – a exemplo dos períodos, os parágrafos devem ser distribuídos de forma a oferecer conforto (inclusive visual) ao leitor.

⁴ O Dicionário Aurélio Eletrônico (1994) define *linguagem* “como uso da palavra articulada ou escrita como meio de expressão e comunicação entre pessoas [...] vocabulário específico usado numa ciência, numa arte, numa profissão ... vocabulário, palavreado [...] tudo quanto serve para expressar idéias, sentimentos, modos de comportamento, etc. [...] Todo sistema de signos que serve de meio de comunicação entre indivíduos e pode ser percebido pelos diversos órgãos dos sentidos, o que leva a distinguir-se uma linguagem visual, uma linguagem auditiva, uma linguagem tátil, etc., ou ainda, outras mais complexas, constituídas, ao mesmo tempo, de elementos diversos.”

- g) *Ruído* – cuidado com o “ruído provocado pelo excesso de informações – que se faz ver até mesmo pela quantidade de papel utilizado – ‘anima’ o leitor a participar do jogo da comunicação.” (FEITOSA 1995: 19) Neste sentido, a autora sugere relacionar o *conteúdo* com os *interesses informacionais* do receptor.

17 Elementos Principais do Projeto de Tese ou de Dissertação:

- a) *Folha de rosto* – contendo as seguintes informações sequenciais:
- a.1) título do trabalho,
 - a.2) nome do autor,
 - a.3) caracterização do trabalho – indicando curso, unidade, universidade e finalidade do trabalho,
 - a.4) mês e ano.
- b) *Sumário* – colocado logo a seguir da folha de rosto; o sumário deve conter, inicialmente, as listas de tabelas, de quadros e de figuras; a seguir, são identificadas as páginas iniciais dos capítulos; as seções ou subtítulos dos capítulos, embora indicadas, não trazem o número das respectivas páginas iniciais; finalmente, são indicados as páginas iniciais das referências bibliográficas e dos anexos, conforme NBR-6027/2003.
- c) *Lista de tabelas, quadros e figuras* — após a folha de sumário, podem ser inseridas, nesta ordem, as listas de tabelas, de quadros e de figuras, conforme NBR-14.724/2005.

Vera Feitosa separa as figuras das tabelas e quadros. Segundo a autora, *figuras* são

desenhos, fotos, gráficos, mapas – são um precioso auxiliar para o escritor: muitas vezes elas ‘dizem’ mais e melhor que várias páginas de texto. Tanto o autor como o leitor ganham em tempo e esforço.

Essas vantagens se transformam em ruídos quando as figuras são ‘semeadas’ no texto, só para constar. Para que isso não aconteça, é preciso que cada uma tenha um determinado propósito, definido durante a elaboração do esboço ou depois de iniciada a redação do texto.

Podem-se estabelecer duas categorias de figuras: as que são suporte direto das idéias contidas no texto e as que apresentam informações complementares ou suplementares. As primeiras devem aparecer o mais perto possível do trecho em que são nomeadas, comentadas ou discutidas. No corpo do texto deve ficar bem claro para o leitor:

- o ponto da discussão em que deve desviar a atenção para as informações contidas na figura;
- o número da figura e da página onde ela se encontra;
- o propósito da inserção da figura.”

[...]

As figuras escolhidas para oferecer informações complementares ou suplementares devem ser colocadas em apêndices. Todas, no entanto, devem ser indicadas na discussão na mesma série enumerativa. [...] Em certas fotos e desenhos que apresentam muitos detalhes, torna-se necessário orientar a visão do leitor para o ponto a que se quer dar destaque com algum sinal gráfico, que pode ser uma seta, um círculo, um retângulo. (FEITOSA 1995: 64-66)

Já as *tabelas* e *quadros*, “assim como as figuras, deverão aparecer no corpo do texto – quando dão suporte à discussão – ou em anexos, se são demasiadamente longas” (FEITOSA 1995: 67), mas sua numeração deve ser distinta da das figuras. Segundo a autora, “deve-se evitar mencionar a localização de tabelas e figuras com expressões como ‘abaixo’ e ‘acima’, ‘ver figura/tabela/quadro X’ uma vez que, na composição gráfica, essas referências podem-se tornar inoperantes.” (FEITOSA 1995: 67)

- d) *Lista de definições, símbolos e notações especiais* – após as listas de tabelas, de quadros e de figuras, pode ser inserida uma relação dos símbolos usados no texto, bem como vocabulário explicativo do significado de palavras e conceitos utilizados.
- e) *Anexo* – "Texto ou documento não elaborado pelo autor, que serve de fundamentação, comprovação e ilustração" (NBR 14.724/2005: 1).
- f) *Apêndice* – "Texto ou documento elaborado pelo autor, a fim de complementar sua argumentação, sem prejuízo da unidade nuclear do trabalho" (NBR 14.724/2005: 2).

Referências:

- ALVES, Rubem. *Filosofia da Ciência*. (14 ed) São Paulo: Brasiliense, 1991.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023 – Informação e documentação – Referências Bibliográficas – Elaboração. Rio de Janeiro: ABNT, 2004.
- _____. NBR 6024 – Informação e documentação – Numeração progressiva das seções de um documento escrito – Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2004.
- _____. NBR 6027 – Informação e documentação – Sumário – Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2003.
- _____. NBR 10.520 – Informação e documentação – Citações em documentos - Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.
- _____. NBR 14.724 – Informação e documentação - Trabalhos acadêmicos - Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2005.
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TECNOLOGIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO (ANTAC). I Encontro Nacional sobre Edificações e Comunidades Sustentáveis. *Instruções para a Preparação de Trabalhos*. Porto Alegre, 1997.
- BASTOS, L. R., et al. *Manual para a elaboração de projetos e relatórios de pesquisa, teses e dissertações*. (3ed.) Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982.
- BEAUD, Michel. *Arte da Tese*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- CUKIERMAN, Henrique. *Yes, nós temos Pasteur: Manguinhos, Oswaldo Cruz e a História da Ciência no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007.
- DICIONÁRIO AURÉLIO ELETRÔNICO. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- ECO, Umberto. *Como se Faz Uma Tese*. (2ed.) São Paulo: Perspectiva, 1985.
- FEITOSA, Vera C. *Redação de Textos Científicos*. Campinas: Papirus, 1991.
- IVENICKI, Ana; CANEN, Alberto. *Metodologia da Pesquisa – rompendo fronteiras curriculares*. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2015.
- LAW, John. *After Method*. Routledge: Londres; Nova Iorque, 2004.
- LAKATOS, Eva M. & MARCONI, Marina de A. *Fundamentos de Metodologia Científica*. (3ed.) São Paulo: Atlas, 1991.
- MATURANA, Humberto. *Cognição, Ciência e Vida Cotidiana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- MOL, Annemarie (2008) *Política Ontológica. Algumas ideias e várias perguntas*. In J. Nunes; R. Roque, [Orgs.] *Objetos Impuros: Experiências em Estudos sobre a Ciência*. Porto: Edições Afrontamento, 63-77.
- PRIGOGINE & STENGERS. *Entre o Tempo e a Eternidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- RUDIO, Franz Victor. *Introdução ao Projeto de Pesquisa Científica*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- RUSSO, Mariza, CAVALCANTI, Ilce G. M., MEDEIROS, Jane M. *Manual para Elaboração e Normalização de Dissertações e Teses*. Rio de Janeiro: SiBI/UFRJ, 1997.
- SANTOS, Boaventura S. *Um Discurso sobre as Ciências*. (7ed.) Lisboa: Afrontamento, 1995.
- VERÍSSIMO, Luiz Fernando. *O Gigolô das Palavras*, in *O Gigolô das Palavras*. Porto Alegre, LP&M: 1983.

ANEXO 01

VERBOS MAIS UTILIZADOS NA FORMULAÇÃO DE OBJETIVOS⁵**1. Conhecimento**

Recordar	Identificar	Enumerar	Explicar	Classificar
Reconhecer	Definir	Distinguir	detalhar	Demonstrar
Citar	Descrever	Exemplificar	Determinar	Caracterizar
Designar	Mencionar	Reproduzir	Mostrar	
Selecionar	Enunciar	Especificar	Expor	

2. Compreensão

Codificar	Converter	Parafrasear	Traduzir	
Relacionar	Ilustrar	Sumarizar	Deduzir	
Resumir	Distinguir	Organizar	Interpretar	
Identificar	Definir	Descrever	Exemplificar	
Explicar	Expor	Demonstrar		

3. Aplicação

Resolver	Provar	Demonstrar	Aplicar	Representar
Relacionar	Manipular	Produzir	Usar	Classificar
Provar	Preparar	Empregar	Calcular	Exemplificar
Modificar	Operar	Descrever	Determinar	
Distinguir	Discriminar	Explicar	Resolver	

4. Análise

Inferir	Decompor	Determinar	Selecionar	
Enumerar	Fracionar	Separar	Diferenciar	
Analisar	Detalhar	Especificar	Relacionar	
Distinguir	Identificar	Descrever	Discriminar	
Explicar	Designar	Caracterizar		

5. Síntese

Descobrir	Delinear	Relatar	Reconstruir	
Organizar	Produzir	Narrar	Categorizar	
Criar	Planejar	Sintetizar	Demonstrar	
Modificar	Compilar	Construir	Gerar	
Determinar	Conceber	Elaborar	Projetar	

6. Avaliação

Comparar	Avaliar	Qualificar	Apreciar	
Justificar	Categorizar	Contrastar	Criticar	
Embasar	Julgar	Fundamentar	Estimar	
Concluir	Analisar	Demonstrar		

⁵ Cf. José Carlos da SILVA & Claudionor CRUZ s/d.

ANEXO 02

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS (SUJEITAS A MUDANÇAS DEVIDO A AJUSTES NA NORMA NBR 6023)

APPLEYARD, Donald. *Why buildings are known: A predictive tool for architects and planners*, in G. Broadbent, R. Hunt, and T. Lloren (edit), *Meaning and Behaviour in the Built Environment*, John Wiley & Sons, 1980, p. 135-161. [re-impresso a partir de *Environment and behavior* Vol. 1, No. 2, Dezembro 1969].

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). *Referências Bibliográficas*. Rio de Janeiro: ABNT, 2004. (NBR 6023)

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TECNOLOGIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO. II ENCONTRO NACIONAL DE CONFORTO NO AMBIENTE CONSTRUÍDO. Anais ... Florianópolis: ANTAC/ABERGO/SOBRAC, 1993.

ARANTES, Otília F. *A Cidade Como Não-lugar*. in *Arquitetura & Urbanismo*, São Paulo: Pini, n. 58, fev/mar. 1995, p. 83-85.

BASBAUM, Leôncio. *História Sincera da República*, São Paulo: Alfa Ômega, 1975, 1976. 4v.

BASTOS, Lília da Rocha et al. *Manual para elaboração de projetos, relatórios de pesquisa teses e dissertações*. Rio de Janeiro: Guanabara/Koogan, 1979.

BETING, Joelmir. *O Globo*, Rio de Janeiro, 24 fev. 1993, 1º Caderno, p.16.

BJORK, B. C. *Project plan for a proposed electronic referred journal dealing with information technology*. Disponível na INTERNET via [www.url:http://fagg.uni.lj.si/~itcon/misc/charter.htm](http://fagg.uni.lj.si/~itcon/misc/charter.htm). Arquivo consultado em 1996.

CEZAR, Paulo Bastos. VIVEIROS DE CASTRO, Ana Rosa. (Org.) *A Praça Mauá na memória do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: João Fortes Engenharia/Editora Ex Libris, 1989.

CORBELLA, Oscar. *Arquitetura Bioclimática ou de Baixo Consumo Energético Uma Proposta para Trabalhar com a Realidade*, in SEMINÁRIO DE ARQUITETURA BIOCLIMÁTICA, FURNAS, Rio de Janeiro, 1983. *Trabalhos ...* São Paulo: CESP, 1985. p. 41-56.

COSENZA, Carlos A. N. *A industrial location model*. Cambridge, Martin Centre for Architectural and Urban Studies Cambridge University, 1981. Working Paper.

DE RANIERI PEREIRA, Liana et al. *Recomendações de Procedimentos para Conforto Ambiental*. Rio de Janeiro: Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1992. Original datilografado.

DEL RIO, Vicente. *Desenho Urbano no processo de planejamento*. São Paulo: Pini, 1990.

_____. *Desenho Urbano e Revitalização na Área Portuária do Rio de Janeiro*. São Paulo: FAUUSP⁽⁶⁾, 1991. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo).

DEL RIO, Vicente & OLIVEIRA, Livia de. (Org.) *Percepção Ambiental*. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

EMERY, O. L. & RHEINGANTZ, P. A. *Procedimentos para projetos de isolamento acústico de ambientes internos de edificações*. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/ 1993. Monografia.

EUR 14449 EN. *European Concerted Action - Indoor Air Quality & its Impact on Man. Report n° 11 - Guidelines for Ventilation Requirements in Buildings*. Luxemburgo: Commission of the European Communities, 1992.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Atlas geográfico*. 3.Ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986.

LUNGARZO, Carlos. *O Que É Ciência*. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Coleção Primeiros Passos, v.220)

⁶ Apesar da norma NBR 6023 recomendar a inclusão do nome por extenso da instituição e da unidade, admite-se o uso das siglas.

MARANHÃO, Ricardo. *O Estado e a Política "Populista" no Brasil (1954-1964)*, in: FAUSTO, Boris, in *História Geral da Civilização Brasileira*, São Paulo, Difel, 1981. 4v. V.3: O Brasil Republicano - sociedade e Política (1930-1964).

MANYARA, C. G., LEIN, J. K. *Exploring the suitability of fuzzy set theory in image classification: A comparative study applied to the mau forest area kenya*. Disponível na Internet via <http://www.sgi.ursus.maine.edu/gisweb/spatdb/acsm/ac94044.html>. Copyright ASPRS/ACSM, 1994.

MOURA, G. A. C. de. *Citações e referências a documentos eletrônicos*. Disponível na Internet via correio eletrônico: gevilacio@npd.ufpe.br ou gmoura@elogica.com.br.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA E REFORMA AGRÁRIA. Normais Climatológicas (1961-1990). Brasília: Secretaria Nacional de Irrigação, Departamento Nacional de Meteorologia, 1992.

NOVA CULTURAL, 100 Anos de República - um retrato ilustrado da história do Brasil. 5v. São Paulo, 1989.

ORNSTEIN, Sheila W. et al. *Avaliação Pós-Ocupação do Ambiente Construído*. São Paulo: Nobel, 1992.

ORNSTEIN, Sheila W. *Nível de Satisfação dos Usuários de um Edifício de Escritório Convencional em São Paulo: Um Exercício Didático* in *Textos do Laboratório de Psicologia Ambiental*. Brasília: Instituto de Psicologia da UNB 1995b, v. 4 n° 14, p. 71-77.

PINHO, Claudia M. M. de. *Uma Passarela para a Modernidade: Da Avenida Central à Avenida Rio Branco, o Desfile do Século*. Rio de Janeiro: UFRJ/IPPUR, 1989. Monografia.

RHEINGANTZ, Paulo A. *Análise Pós-Ocupação do Centro Empresarial Internacional Rio*. In III Encontro Nacional e I Encontro Latino-americano do Conforto do Ambiente Construído. *Anais ...* Gramado: ANTAC, 1995, p. 371-376.

RIBEIRO, Rosina T. *Substituição de Estrutura de Madeira por Aço em Obras de Restauração*. Rio de Janeiro: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1994. Dissertação (Mestrado em Arquitetura).